

**Jornalismo automatizado:  
experiência do G1 paraíba nas eleições de 2020**

*Periodismo automatizado:  
experiencia del G1 Paraíba en las elecciones 2020*

Bruna Martins BATISTA<sup>1</sup>

Bruna Raquel Couto CARNEIRO<sup>2</sup>

Maria Jordana Nascimento CRISPINIANO<sup>3</sup>

Verônica Almeida de Oliveira LIMA<sup>4</sup>

### Resumo

Em 2020 o portal de notícias G1 realizou uma cobertura pioneira no período eleitoral, em escala nacional, a partir da inserção da automatização no seu processo produtivo. Essa iniciativa modificou, até certo ponto, as rotinas de produção dos jornalistas envolvidos nesse trabalho. Para entender melhor como se deram tais modificações, o presente trabalho discute como a inserção de tecnologias interferem nas rotinas de trabalho do jornalista por meio do jornalismo automatizado, tendo como objeto de análise o trabalho realizado na redação do G1 Paraíba durante as eleições municipais de 2020. Como metodologia foi utilizado o método da entrevista em profundidade, através da realização de entrevistas semiabertas, a partir de um roteiro semiestruturado. Conclui-se a discussão apontando que a automação de notícias no Brasil ainda é uma realidade pouco explorada, mas seu impacto já pode ser sentido a partir da concepção de equipes de trabalho compostas por profissionais com diferentes formações.

**Palavras-chave:** Automação. G1. Rotinas produtivas. Eleições. Pandemia.

### Resumen

En 2020, el portal de noticias G1 realizó una cobertura pionera en el período electoral, a nivel nacional, a partir de la inserción de la automatización en su proceso de producción. Esta iniciativa modificó, en cierta medida, las rutinas de producción de los periodistas involucrados en este trabajo. Para comprender mejor cómo se produjeron

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: bruna.batista@aluno.uepb.edu.br

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: bruna.carneiro@aluno.uepb.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: maria.jordana@aluno.uepb.edu.br

<sup>4</sup> Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: veronicaoliveira@servidor.uepb.edu.br

estos cambios, este artículo analiza cómo la inserción de tecnologías interfiere en las rutinas de trabajo de los periodistas a través del periodismo automatizado, teniendo como objeto de análisis el trabajo realizado en la redacción del G1 Paraíba durante las elecciones municipales de 2020. Como metodología, se utilizó el método de entrevista en profundidad, a través de entrevistas semiabiertas, basadas en un guión semiestructurado. La discusión concluye señalando que la automatización de noticias en Brasil es aún una realidad poco explorada, pero su impacto ya se puede sentir desde la concepción de equipos de trabajo compuestos por profesionales con diferentes antecedentes profesionales.

**Palabras clave:** Automatización. G1. Rutinas productivas. Elecciones. Pandemia.

## Introdução

O presente artigo faz parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba (cota 2020-2021), que tem como objetivo central compreender a implementação de uma iniciativa de automatização de texto para a construção da notícia em uma das empresas do grupo Globo, o G1, durante as eleições municipais de 2020. Nesta perspectiva, será analisada a experiência de automação de textos da empresa no estado da Paraíba (G1PB<sup>5</sup>).

Partindo do pressuposto de que as atuais redações vêm utilizando a automação de processos para auxiliar na produção de notícias, este artigo buscou observar o comportamento dos jornalistas em relação à inserção da automação e seu impacto nas empresas jornalísticas. Para isso, utilizou-se o conceito de López, Bran e Abad (2019) para explicar que a automação de notícias não é uma ameaça ao jornalismo profissional, mas sim uma nova maneira de construir histórias, mesmo que para isso haja a necessidade de substituir jornalistas por algoritmos.

Diante de tais constatações, como será que, na prática, tem sido a adaptação do jornalista para lidar com esta nova realidade? O jornalista está perdendo seu espaço para as novas tecnologias no mercado?

Este artigo fará uma abordagem dessas questões através dos dados coletados em entrevistas realizadas com jornalistas do portal G1 Paraíba para compreender esse período de trabalho, as mudanças ocorridas no processo produtivo e a visão do profissional de jornalismo sobre a automação. Como método foi utilizado a entrevista

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/eleicoes/2020/>

em profundidade, aplicando um roteiro de questões semiestruturadas para realização de entrevistas semiabertas.

Por fim, pretendeu-se também, a partir do relato dos entrevistados, entender como as rotinas para a produção de notícias foram reconfiguradas no período da pandemia em meio às novas possibilidades de construção de narrativas.

### **Conceitos básicos no jornalismo automatizado**

O campo do jornalismo enfrenta, principalmente desde a inserção das tecnologias digitais, mudanças nas formas de se produzir, distribuir e compartilhar a informação. Tal realidade impacta profundamente as empresas jornalísticas, os jornalistas, o conteúdo e, por conseguinte, a própria sociedade. A substituição das antigas máquinas de escrever por terminais de computadores trouxe mais velocidade e maiores possibilidades de edição ao jornalismo. Com isso, o uso dos aparatos tecnológicos provocou grande impacto em todo o processo de produção de notícias. Em meados de 2016, um novo conceito propagou-se pelas redações: “jornalismo automatizado”. Em tese essa aplicação consiste, assim como na indústria, na utilização da automação de processos para auxiliar na produção, no presente caso, de narrativas.

Para entender como tal ação funciona, Graefe (2016) explica que a geração de notícias no jornalismo automatizado é diferente do modo tradicional no qual o próprio jornalista é a pessoa responsável pela apuração, investigação e apresentação de notícias ao público. Na automação do jornalismo há colaboração de engenheiros, jornalistas e linguistas da computação. Para que as informações cheguem à sua fase final, neste processo é necessário um conjunto de regras predefinidas por meio de um *software* e do domínio dos especialistas dessas três áreas relatadas para definir critérios de notícias.

O especialista de domínio define os critérios notícias de acordo com o qual o algoritmo procura eventos interessantes e os classifica por importância. Finalmente, os linguistas da computação usam amostras de textos para identificar a lógica semântica subjacente e os traduzem em um sistema baseado em regras que é capaz de construir sentenças. Se não houver tais exemplos de textos disponíveis, jornalistas treinados pré-escrevem módulos de textos e amostras de histórias com os quadros e linguagem apropriados e os ajustam ao guia de estilo

oficial do meio de publicação.<sup>6</sup> (GRAEFE, 2016, p. 18-19, tradução nossa)

Segundo Latar (2018, p. 67), paralelamente ao surgimento do novo campo, estamos no alvorecer de uma nova ciência, a “*social physics*”, que permite a análise automática, por meio de algoritmos de inteligência artificial, de bilhões de micro engajamentos sociais realizados continuamente por meio de nossos dispositivos móveis e outras plataformas online. Para o autor, outra área que está se tornando um empreendimento científico para os criadores de *software* de inteligência artificial (I.A.) é a da narração. Apoiados nesse conhecimento sobre a linguística, surgem os algoritmos de I.A que estão sendo compostos para converter fatos e novos *insights* derivados de silos<sup>7</sup> de dados que empregam análises de dados (mineração de dados) em histórias legíveis em uma fração de segundos.

Portanto, para tratar, analisar e obter informações a partir de conjuntos de dados grandes demais para serem analisados por sistemas tradicionais utilizamos o conceito de *big data*. Lewis (2015) afirma que:

O “Jornalismo em uma era de big data” é uma forma de ver o jornalismo interpolado por meio das abordagens conceituais e metodológicas de computação e quantificação correspondentes. É sobre a concepção e implementação de mentalidades computacionais e matemáticas e conjuntos de habilidades no trabalho de notícias bem como a necessária desconstrução e crítica de tais abordagens.<sup>8</sup> (LEWIS, 2015, p. 323, tradução nossa)

Ainda sobre o processo de automatização de notícias, DalBen (2019) constata que várias redações ao redor do mundo adotaram sistemas de Inteligência Artificial para automatizar tarefas jornalísticas. Assim como os outros autores supracitados, ela

---

<sup>6</sup> Texto original: “Furthermore, are necessary to define criteria of news - worthiness, according to which the algorithm looks for interesting events and ranks them by importance. Finally, computer linguists use sample texts to identify the underlying, semantic logic and translate them into a rule-based system that is capable of constructing sentences. If no such sample texts are available, trained journalists pre-write text modules and sample stories with the appropriate frames and language and adjust them to the official style guide of the publishing outlet.” (GRAEFE, 2016, p. 18-19)

<sup>7</sup> Silos de dados são “estoques” de informação gerenciados por um setor específico, que se mantêm isolados dos demais sistemas da empresa.

<sup>8</sup> Texto original: “Journalism in an era of big data is thus a way of seeing journalism as interpolated through the conceptual and methodological approaches of computation and quantification. It is about both the ideation and implementation of computational and mathematical mindsets and skill sets in newswork—as well as the necessary deconstruction and critique of such approaches.” (LEWIS, 2015, p. 323)

concorda que existe um novo ecossistema em formação, onde cada vez mais jornalistas trabalham em equipes multidisciplinares e lembra que esse tipo de produção automatizada de textos jornalísticos não é uma novidade.

Nos últimos anos, o uso desta tecnologia se popularizou ao ser adotada por veículos de grande repercussão internacional como a Forbes, o Los Angeles Times, a agência de notícias Associated Press, o Le Monde, o The Washington Post, o Southern Metropolis Daily, o Deutsche Welle, a MittMedia, entre outros. (DALBEN, 2019, p. 2).

Ainda de acordo com a autora, no Brasil, “os robôs aplicados no jornalismo se destacam por seguirem uma lógica completamente diferente ao uso destas tecnologias por veículos internacionais” (DALBEN, 2019, p.3-4). A partir da observação de três estudos de casos brasileiros: a robô Rosie da Operação Serenata de Amor, o robô Rui Barbot do Jota e a robô Fátima do Aos Fatos, a autora afirma que “ao invés de utilizarem os *softwares* NLG<sup>9</sup> para a publicação de notícias automatizadas, tanto a robô Rosie quanto o robô Rui Barbot utilizam algoritmos de Inteligência Artificial para processar grandes volumes de dados públicos.” (DALBEN, 2019, p.4)

### **As rotinas a partir da automatização de processos**

Segundo López, Bran e Abad (2019), o jornalismo automatizado, praticado há anos, tem ganhado ainda mais destaque nos últimos tempos pela forma como modifica a rotina produtiva dos profissionais envolvidos. Todo o processo de automatização, que antes era silencioso, se torna cada vez mais comum às redações, e pode se configurar como uma potente alternativa à crise instaurada no mercado de trabalho jornalístico, agravada com o advento da pandemia do novo coronavírus, em meados de 2020, conforme alerta a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020). Ora, uma vez que o trabalho antes desempenhado por seres humanos passa a ser feito por ferramentas autossuficientes, em sua maioria *softwares*, é certo que uma gama de novas oportunidades, intrínsecas à elaboração de textos informativos, venha a surgir.

É partindo do pressuposto de que a automatização de tarefas seja algo natural à era pós-industrial, que López, Bran e Abad (2019) também defendem que a automação de notícias não é uma ameaça ao jornalismo profissional, mas sim uma nova maneira de

---

<sup>9</sup> NLG (*Natural Language Generation*, do inglês). É o campo do Processamento de Linguagem Natural (PLN) que tem como objetivo a criação de texto natural a partir de dados não linguísticos.

se construir histórias, mesmo que para isso haja a necessidade de substituir jornalistas por algoritmos. Dessa forma, as máquinas e *softwares* deixam de ser apenas um suporte para transmissão de informações e passam a ser responsáveis pela realização, quase total, de tarefas outrora inerentes aos seres humanos dentro de grandes redações. Tal feito torna possível a existência do jornalismo sem jornalistas.

Para além da substituição da força do trabalho e das novas possibilidades de construção de narrativas, a automatização também preenche uma lacuna financeira nos grandes conglomerados de mídia. Estes, por sua vez, sofrem cada vez mais com reduções em suas receitas financeiras, e tendem a demitir profissionais para enxugar gastos. Nessas circunstâncias, quando a possibilidade de produção de notícias sem mão de obra, e cada vez mais barata, lhes é apresentada, as grandes empresas tendem a direcionar esforços para viabilizar condições de uma produção automatizada - tendência observada desde meados de 2000, quando as taxas de participação braçal nas mais diversas áreas de trabalho começaram a entrar em declínio (FORD, 2015). No jornalismo, portanto, a automatização evidencia a necessidade de readequação financeira e mercadológica do setor comunicacional. De acordo com Dörr, (2015, p.13, tradução nossa):

Porque a produção de notícias continua sendo um negócio que busca o lucro, é evidente que, por um lado, as empresas midiáticas procuram reduzir custos. Por outro, também estão desesperadas por novos produtos jornalísticos e maneiras de satisfazer a audiência. [...] Considerando que os custos com sistemas geradores de linguagem natural são baixos, comparados com jornalistas humanos, o jornalismo por algoritmos pode ser rentável.

No contexto analisado por este trabalho, com eleições municipais acontecendo no Brasil ao mesmo tempo em que o mundo enfrentava uma de suas maiores crises sanitárias em virtude da pandemia do novo coronavírus, e quando o próprio país contabilizava pouco menos de 200 mil vítimas da Covid-19, o cenário gerado com automatização de notícias se tornou ainda mais favorável - por todos os impactos técnicos (*home office* e distanciamento social) e subjetivos (impasses psicológicos e individuais) ocasionados pela realidade epidemiológica ao fazer jornalístico. E é numa conjuntura delicada que a automação surgiu e rapidamente ganhou força em todos os aspectos do jornalismo, desde seus estágios iniciais, como na produção de notícias, até as últimas etapas de seu consumo (ZAMITH, 2019).

Não obstante à necessidade imediata de dar continuidade à produção noticiosa durante uma crise mundial, mesmo sem a participação efetiva (na pandemia, por questões sanitárias) do ator mais importante, até então, ao jornalismo (o jornalista), pode-se afirmar que o fazer jornalístico sente o impacto dessa automação. Este profissional passa a conviver com mudanças em sua rotina produtiva, passando a não mais apurar, produzir e divulgar a informação a seu modo, mas fazendo isso com o auxílio de robôs. Van Dalen (2012) argumenta, inclusive, que a “divisão de tarefas” entre jornalistas e sistemas automatizados pode proporcionar uma ampliação no tempo de checagem minuciosa de informações de cunho especiais, como grandes reportagens, enquanto Graefe (2016, p.40, tradução nossa) compara a relação de jornalistas e robôs como um casamento.

No futuro, jornalismo humano e automatizado deverão se tornar integrados e formar uma espécie de “casamento entre homem e máquina”. Jornalistas são aconselhados a focar em tarefas que algoritmos não são capazes de realizar, como análises em profundidade, entrevistas com pessoas-chave e reportagem investigativa. Enquanto a automação vai, provavelmente, substituir jornalistas que meramente cobrem tópicos rotineiros, a tecnologia também está gerando novos empregos no processo de desenvolvimento dos algoritmos geradores de notícias.

Ao que tudo indica, esse futuro chegou. E é nesse sentido que Anderson, Bell e Shirky (2012) promovem discussões sobre as questões éticas que envolvem a automação no jornalismo. Para eles, com o advento da produção de notícias de maneira automatizada, os profissionais jornalistas precisam, inevitavelmente, se adaptar para, assim, garantirem a sobrevivência no ramo. Afinal, as demandas necessárias à realização de notícias automatizadas também requerem que os jornalistas envolvidos tenham as competências exigidas para programação de dados e demais aspectos da informação escrita por dispositivos digitais autônomos. E isso requer, sobretudo, a capacidade de encarar novos desafios em meio às incertezas.

### **Metodologia e análise dos dados**

Nas eleições municipais de 2020 o portal de notícias da Globo, o G1, implementou uma iniciativa de automatização de texto para a construção da notícia em seus portais em todo o território nacional. Tal iniciativa foi a primeira no país, contando

com a participação de todas as afiliadas para cobrir todos os 5568 municípios brasileiros (G1, 2020). Pelo ineditismo da ação, a proposta metodológica desse trabalho é compreender como se deu esse processo no estado da Paraíba, tomando como recurso metodológico a entrevista em profundidade, a partir da técnica de entrevista semiaberta que, neste caso, foi realizada com dois jornalistas do G1 Paraíba. Um dos entrevistados exerce a função de editor-chefe do G1 Paraíba desde 2016 e a segunda pessoa trabalha na empresa há um ano e meio e exerce a função de repórter em Campina Grande/PB. Essas entrevistas ocorreram de maneira remota, nos dias 19 e 22 de fevereiro de 2021, a partir de um roteiro de perguntas semiestruturado aplicado igualmente a ambos. A intenção era entender como o processo de automação de notícias se estabeleceu nas rotinas de trabalho dos profissionais inquiridos, assim como compreender se tal tecnologia alterou, e de que forma, as dinâmicas laborais dos entrevistados.

A automação, como citado anteriormente, não é um processo relativamente recente, podemos citar como exemplo os seguintes sites que já utilizam inteligência artificial na produção de notícias:

Forbes e da ProPublica, que mantém uma parceria com o Narrative Science; a agência Associated Press e o Yahoo, que adotaram o software da Automated Insights; o Los Angeles Times, que desenvolveu o Quakebot para a redação de notícias sobre terremotos; o The Washington Post que adotou a cobertura automatizada nas Olimpíadas Rio 2016 e nas eleições presidenciais dos Estados Unidos; o jornal francês LeMonde, que realiza algumas coberturas com o software desenvolvido pela Syllabs; e o AX Semantics, desenvolvido pela Aexea e disponível em 12 línguas, adotado por veículos na Alemanha que mantém a sua identidade em sigilo. (D'ANDRÉA; DALBEN, 2017, p. 120)

No Brasil, o portal G1 já havia utilizado esse recurso para apuração (RANGEL, 2021), extraíndo informações de bancos de dados, mas nada em larga escala. Nas eleições de 2020, entretanto, foi criado um modelo de inteligência artificial juntamente com a área de tecnologia da Globo, o que permitiu expandir a experiência de jornalismo automatizado em escala nacional.

Os dados obtidos na pesquisa mostraram que antes do processo de automatização na redação do G1 Paraíba no período das eleições, as notícias mostravam os resultados das campanhas eleitorais das principais cidades do estado: a capital João Pessoa e Campina Grande. Para essas cidades eram feitos textos sobre os candidatos eleitos, com a biografia de cada um deles.

Nós temos 223 municípios e normalmente, aqui na Paraíba, em se tratando de eleições para prefeito nós só publicamos dois textos, que é o prefeito eleito de Campina Grande e o prefeito eleito de João Pessoa, então sempre foi assim, desde 2011 que o G1 Paraíba existe. (RANGEL, 2021)

Com a I.A. foi possível ampliar essa cobertura dos resultados para todos os municípios paraibanos, porém, mantendo uma reportagem especial para Campina Grande e para João Pessoa. Esse esquema foi realizado no 1º e 2º turnos e na posse.

[A automação] contribuiu, justamente, nessa parte de ampliar a nossa cobertura porque como a gente antes fazia mais a cobertura das cidades com mais audiência. [...] é diferente porque agora a gente conseguiu ampliar essa cobertura para várias cidades, que agora conseguirão, também, de certa forma, estarem representadas no portal. (ALVES, 2021)

A determinação da operação para automação das notícias sobre as eleições foi comunicada pela equipe de São Paulo a todas as afiliadas do país, por volta do mês de outubro.

[O] G1 Dados, [...] que trabalha especificamente com jornalismo de dados, [...] estava junto à uma equipe de tecnologia, desenvolvendo alguns formatos, no que fosse possível, puxar informações de forma automática no texto construído por um jornalista, e que fosse [...] como se tivesse partes de um formulário, basicamente, a serem preenchidos, pela Inteligência Artificial, extraídos de algum banco de dados, que no caso foi do TSE. (RANGEL, 2021)

Mas, antes do anúncio das afiliadas o trabalho já estava em andamento no G1, com o desenvolvimento de um modelo de inteligência artificial em que fosse possível coletar informações de forma automática de sites, e que essas informações fossem acrescentadas em um texto escrito por um jornalista com espaços a serem preenchidos com essas informações.

Primeiro, o G1 criou a base de um texto com as informações mais relevantes a serem levantadas após a apuração. Na tecnologia da Globo, uma equipe ficou responsável por captar os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e outra, formada por engenheiros e cientistas de dados, desenvolveu um sistema e com o auxílio de inteligência

artificial moldou essa base para que os dados fossem aproveitados da maneira correta. (G1, 2020, n.p.)

Com os dados inseridos no texto pela I.A., preenchendo as lacunas que foram deixadas para a inserção de tais dados, um jornalista o revisava e fazia alterações, se necessário, e só então o texto era publicado. O texto informava qual candidato tinha sido eleito em cada cidade, além do vice, partido, idade, estado civil, grau de escolaridade, sua profissão, patrimônio declarado, número e percentual de votos, assim como o percentual de nulos, brancos e abstenções.

No G1 Paraíba, a equipe que trabalhou nessa operação foi formada por quatro jornalistas: dois editores e dois repórteres, divididos entre as redações de Campina Grande e João Pessoa.

Apesar de o texto já chegar à equipe pré-estruturado, não quer dizer que a carga de trabalho tenha diminuído. Os horários de trabalho foram estendidos até a madrugada para que todas as matérias fossem publicadas. Isso se deu devido a um problema no site do TSE, que demorou para divulgar as informações dos resultados eleitorais, algo que nunca tinha acontecido.

Se antes eram feitas reportagens sobre apenas duas cidades, agora com todos os municípios, o volume de trabalho aumentou em decorrência da demanda.

Mesmo com os textos de inteligência artificial, a gente tinha que revisar todos, então não era assim: o sistema gerou um texto, e a gente vai publicar do jeito que o sistema gerou, não. A gente revisava, via se tinha erro de concordância, via se tinha erro de alguns nomes de candidatos, essas coisas, e algumas coisas, até mesmo o G1 Nacional dava orientação da gente tirar, entendeu? Tinha também questões de formatação do texto dentro da página do site. Várias coisas a gente tinha que observar antes de publicar essas matérias. (ALVES, 2021)

Apesar dessa operação ter demandado mais tempo que o normal, o trabalho foi relativamente simples, sendo principalmente o de revisar, já que não foi preciso pensar em um gancho ou fazer biografias.

Na operação realizada pelo G1 a automação foi um recurso de facilitação no trabalho do jornalista, mas mesmo possibilitando a produção de mais notícias em menos tempo, a presença de um jornalista foi fundamental em todas as etapas - desde a criação do mecanismo de I.A. até a publicação do texto. Percebendo isso, é importante destacar que há a necessidade de um jornalista com conhecimento em programação e áreas afins para a realização de trabalhos como este.

Essa experiência mostra que tanto numa ponta quanto na outra foi fundamental a presença de um jornalista, [...] pra que a máquina pudesse extrair os dados também foi necessário a expertise de um jornalista, de um programador com conhecimento de jornalismo, de um jornalista com conhecimento de programação. [...] O jornalista programador é hoje, talvez, o profissional mais desejado do mercado, porque existem poucos que entendem, tudo bem, o jornalista que entende de jornalismo de dados, que entende de banco de dados, é um profissional desejado, mas o jornalista que entende de programação, ele tá em um outro patamar, em outro nível. (RANGEL, 2021)

Todo processo de automatização, em qualquer área, traz à tona o questionamento se essa alteração nas rotinas de trabalho irá substituir ou prejudicar a função do profissional. Claro que no jornalismo o mesmo acontece. Se um robô está produzindo notícias qual seria o papel do jornalista então? Por que dispor recursos com um empregado quando é mais barato programar uma máquina para fazer o trabalho de várias pessoas? Essa situação preocupa a muitos, mas ainda é cedo para determinar o impacto futuro da automação.

### **Considerações finais**

A partir deste trabalho pode-se notar que a automação de notícias, em escala nacional, ainda é uma realidade que caminha a passos lentos nos veículos de comunicação brasileiros, já que a iniciativa do G1, analisada no presente estudo, é pioneira no país. Isso se deve, como mencionaram os entrevistados, à escassez de conhecimento técnico na programação de ferramentas de I.A., por parte dos próprios jornalistas, e sobretudo pela existência de uma lacuna teórico-prática sobre a influência efetiva da automação na produção jornalística.

É possível concluir, também, que a automação pode servir como uma alternativa para a continuidade do processo jornalístico em meio a crises, como a provocada pela pandemia do novo coronavírus. No entanto, apesar de ser uma possibilidade, mesmo com todas as dificuldades relatadas, a figura do jornalista não pode ser descartada, pois continua sendo central e imprescindível à construção de notícias, mesmo com a utilização de ferramentas digitais, como as de automatização.

No modelo de automação adotado pelo G1 na cobertura eleitoral de 2020, os jornalistas também continuaram exercendo seu papel ético, uma vez que todas as

notícias permaneceram sendo analisadas antes de sua publicação. Esse fato evidencia que embora haja uma preocupação em torno da manutenção dos princípios morais que norteiam a atividade jornalística numa realidade de automação de notícias, pode-se haver também uma produção comprometida com os fatos, independentemente dos meios pelos quais se utilizam para sua construção.

No que diz respeito à rotina de produção a partir da inserção desses instrumentos no G1 Paraíba, também fica claro que, ainda que naturalmente, os jornalistas precisaram se adaptar às mudanças propostas, e estas, por sua vez, contribuíram para que eles passassem a enxergar a experiência como uma nova e positiva forma de produção. Esse modo otimista de encarar o fluxo mutatório no ofício jornalístico pode, também, nortear a observação científica da introdução de inovações tecnológicas dentro do mercado profissional da comunicação pelos próximos anos, a fim de torná-las naturais ao próprio processo de evolução profissional.

Por fim, percebe-se que a discussão que este artigo levanta ainda é introdutória diante das questões que são levantadas no mundo do trabalho sobre a automação. Cabe aqui dizer que há caminhos possíveis tanto para a manutenção de empregos dos jornalistas junto ao trabalho automatizado, como também para a possibilidade de este mudar radicalmente o que se entende por jornalismo hoje em dia, porém estas informações estão reservadas ao futuro e não podem ser exploradas até o momento.

## Referências

ALVES, Iara. **Iara Alves**. Depoimento [Fev. 2021]. Entrevistadora: Bruna Raquel Couto Carneiro. UEPB, 2021. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Rearranjos Laborais no Jornalismo de TV em Campina Grande/PB a Partir da Pandemia da COVID-19.

ANDERSON, Chris W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Post-industrial journalism: Adapting to the present. In **Columbia Journalism School**, [Nova York], online, 2012. Disponível em: <<https://www.cceol.com/search/article-detail?id=302748>>. Acesso em: 13 de fev. 2021.

DALBEN, Silvia. O uso de robôs no jornalismo brasileiro: três estudos de caso. VI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo Universidade Anhembi-Morumbi, Junho, 2019. **Anais** [...]. Disponível em: <[https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/SILVIA\\_DALBEN-O\\_uso\\_de\\_robos\\_no\\_jornalismo\\_brasileiro\\_tres\\_estudos\\_de\\_caso.pdf](https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/SILVIA_DALBEN-O_uso_de_robos_no_jornalismo_brasileiro_tres_estudos_de_caso.pdf)> Acesso em: 12 fev. 2021

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito; DALBEN, Silvia de Freitas. Redes sociotécnicas e controvérsias na redação de notícias por robôs. In **Contemporânea**.

v.15, n.01, jan-abr 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21412>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

DÖRR, Konstantin Nicholas. Mapping the field of algorithmic journalism. In **Digital Journalism**, [Nova York], p. 1-23, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2015.1096748>>. Acesso em: 13 de fev. 2021.

G1 publica textos sobre posse de prefeitos e de vereadores em cada uma das cidades do Brasil com auxílio de inteligência artificial. In **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/12/30/g1-publica-textos-sobre-posse-de-prefeitos-e-de-vereadores-em-cada-uma-das-cidades-do-brasil-com-auxilio-de-inteligencia-artificial.ghhtml>>. Acesso em: 02 de mar. 2020.

FORD, Martin. **Os robôs e o futuro do emprego**. Rio de Janeiro: Best Bussiness, 2019.

GRAEFE, Andreas. Guide to automated journalism. In **Tow Center for Digital Journalism**, [Nova York], online, 2016. Disponível em: <[https://www.cjr.org/tow\\_center\\_reports/guide\\_to\\_automated\\_journalism.php](https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_automated_journalism.php)>. Acesso em: 13 de fev. 2021.

LATAR, Noam Lemelshtrich. **Robot journalism: can human journalism survive?** Singapur: Centro Interdisciplinario Herzliya, 2018.

LEWIS, Seth C. Journalism in an era of big data: cases, concepts, and critiques. In **Digital Journalism**. Volume 3, 2015, p. 321-330. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2014.976399>>. Acesso em 20 abr. 2021.

LÓPEZ, José; BRAN, Carlos; ABAD, Cesibel. Automation, bots and algorithms in newsmaking. Impact and quality of artificial journalism. In **Revista Latina de Comunicación Social**, 74, pp. 1411 to 1433. Disponível em: <<http://www.revistalatinacs.org/074paper/1391/74en.html>>. Acesso em: 13 de fev. 2021.

RANGEL, Taiguara. **Taiguara Rangel**. Depoimento [Fev. 2021]. Entrevistadora: Bruna Raquel Couto Carneiro. UEPB, 2021. Entrevista concedida ao Projeto Pibic/UEPB Rearranjos Laborais no Jornalismo de TV em Campina Grande/PB a Partir da Pandemia da COVID-19.

VAN DALEN, Arjen. The algorithms behind the headlines: How machine-written news redefines the core skills of human journalists. In **Journalism Practice**, [S.l.], v. 6, n. 5-6, p. 648-658, 2012. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2012.667268>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ZAMITH, Rodrigo. 2019. “Algoritmos e jornalismo.” **Oxford Encyclopedia of Journalism Studies**, editada por H. Örnebring, YY Chan, M. Carlson, S. Craft, M. Karlsson, H. Sjøvaag & H. Wasserman. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <<https://www.rodrigozamith.com/pubs/Zamith%20-20Algorithms%20and%20Journalism.pdf>>. Acesso em 03 mai 2021.